

## SIMULACRO NA FILOSOFIA DE DELEUZE

### Dificuldades iniciais e a importância de 'simulacro'.

Uma filosofia sempre suscita dificuldades porque, no mínimo, recria conceitos e modifica a maneira de articulá-los, afetando os regimes que tecem sua convivência; as dificuldades aumentam quando se percebe que também os seres podem estar implicados nessas reordenações. Ao falar dos estoicos e de um escrito de Emile Bréhier sobre eles, Gilles Deleuze, numa frase-homenagem, diz que "o gênio de uma filosofia se mede primeiramente pelas novas distribuições que ela impõe aos seres e aos conceitos" [LS, 15 (7)]\*. Uma genialidade equivalente a essa já foi igualmente reconhecida nas próprias obras de Deleuze, mas o gênio que daí se destaca é pintado de várias maneiras, ora como alegre autor de paradoxos, como aventureiro, provocador, sofista, demolidor do pensamento, etc, ora como rigoroso comentador de outros pensadores, como notável filósofo simultaneamente capaz de demolir e construir, cuidadoso promotor de um pensamento autêntico, não prisioneiro de imagens e aparências. Se uma filosofia desenvolvida com gênio bem recebido já comporta inúmeras dificuldades ao nível da análise interna dos textos, que dizer, então, de uma filosofia da diferença percorrida por um gênio visto a partir de ângulos tão díspares?

Ora, armar o tema do simulacro na esperança de posicioná-lo como uma das janelas de acesso ao modo deleuziano de produção conceitual, e fazê-lo no interior das limitações deste artigo, não é certamente a melhor maneira de aliviar dificuldades. Com efeito, antes de ser um tema deleuziano, simulacro é uma das palavras que a tradição lexicográfica, desviando-a de seus específicos empregos em registros filosóficos, emaranha de tal modo com outras do seu campo lexical, que nos sentimos como que entorpecidos por uma avassaladora sinonímia. Penetrando o ato de leitura, essa nebulosidade atrapaça o bom andamento dos conceitos, sendo isto particularmente acentuado no caso de simulacro; para notá-lo, basta uma breve coleta de informações contidas em dicionários: eidōlon pode ser entendido como simulacro ou fantasma, como imagem ou ídolo, como imagem refletida ou como imagem concebida, etc; simulacrum pode ser imagem, representação, imitação, fantasma ou simulacro; simulamen pode ser imitação ou representação; simulatio quer dizer imitação, semelhança, aparência, fingimento, mentira, disfarce, simulação, artifício; simulo pode ser representar exatamente, copiar, imitar (em oposição a objeto real ou modelo), fingir, simular, aparentar; simulacro (em português, agora) permuta com imagem, fantasma, aparição, visão, aparência sem realidade, representação, etc, etc.

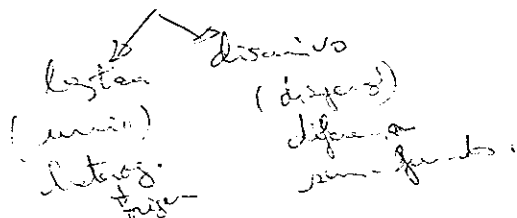
Quando essas abafadas luminosidades do léxico disponível invadem o espírito de quem se aproxima de algumas frases

em face de um paradoxo em que a crítica da representação, -- levada a cabo por um autor que tende para um pensamento sem imagem, -- passa até mesmo pela glorificação de simulacros, justamente um termo que tem sua aura lexical impregnada de imagens, representações, semelhanças, aparências, falsas aparências, etc? Como se isso não bastasse, a dificuldade ganha mais um elo neste elogio que Deleuze faz a Espinosa: "Em toda sua maneira de viver como de pensar, Espinosa fornece uma imagem da vida positiva, afirmativa, contra os simulacros com que os homens se contentam" [S.P.H.P., 21 (21)]. Como se nota, 'simulacro' não parece estar em boa posição nesse elogio. Contudo, em outras passagens, 'simulacro' ajuda positivamente a promover táticas afirmativas. Que fazer? Em vez de um apressado arranjo de sinais aparentemente contraditórios, trata-se de levar a sério uma pergunta inevitável: que idéia de simulacro é efetivamente estruturada por essa filosofia da diferença que, criticando o mundo da representação, pretende reverter a própria "imagem do pensamento" em proveito, no limite, de um "pensamento sem imagem", de um pensamento que se reativa nas "potências da diferença e da repetição" [DR, 217 (273); cf. DR, 169-217 (215-273)] ?

E evidente que pouco adianta permanecer numa visão panorâmica em que algumas dificuldades se misturam com o destaque genérico da importância da noção de simulacro na filosofia deleuziana da diferença. Como sucede em outros casos, também neste é aconselhável partir da suposição de que a exigência do autor estudado é mais complexa. Neste caso, em particular, a saída depende de um trabalho de verificação do privilegiado mecanismo em que a noção de simulacro se engrena com a estratégia que a absorve e para a qual ela funciona ao máximo. E preciso ver, pelo menos com alguns detalhes, como, de que modo certo conceito de simulacro funciona para promover determinada concepção da diferença na estratégia de reversão do mundo da representação. Como simulacro penetra um pensamento da diferença que tem a coragem de assumir as questões e problemas de uma diferenciação do próprio pensar? Esse mecanismo se espalha pelas obras de Deleuze e pode ser entrevisto a partir de várias entradas. O recorte aqui apresentado não é, portanto, exaustivo. Melhor ainda: este recorte será tão somente uma introdução às dificuldades de compreensão daquele co-funcionamento conceitual.

#### Cena da reversão dos mundos.

Há uma entrada, por assim dizer, teatral, que permite ver simulacro em posição de franco prestígio. No palco, dois mundos são vistos carregando, cada qual, sua "fórmula", seu lema, sua divisa, sua máxima: "só o que se parece difere" X "somente as diferenças se parecem". A primeira é a fórmula



Idéia que funda" sobre a semelhança a "boa pretensão das cópias". O simulacro, desse modo, não tem a mesma natureza da cópia (não sendo, pois, mera cópia degradada), visto estar ele eliminado da semelhança [LS,296(262)]. Contrariamente às cópias-ícones, o simulacro "vive da diferença", diz Deleuze [DR,167(212)]. Nesse mesmo sentido, o autor recorda o quanto há de platonismo no catecismo que reza: "Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, mas, pelo pecado, o homem perdeu a semelhança, embora tenha conservado a imagem". O homem virou simulacro, passou a viver da diferença, complicando-se a sua "existência moral" numa "existência estética" [LS,297(262)]. Essa complicação não será estudada aqui; foi apenas lembrada para que se grife a "motivação moral" que teria levado Platão a "exorcizar" [DR,166(211)], a "eliminar os simulacros ou os fantasmas" nas provas de seleção dos pretendentes; os simulacros teriam de moralmente condenável o "estado das diferenças livres oceânicas, das distribuições nômades, das anarquias coroadas, toda essa malignidade que contesta tanto a noção de modelo como a de cópia" [DR,341(420)]. Nesse exorcismo do simulacro, uma "visão moral do mundo" se antecipa à "lógica da representação" [DR,166(211)].

Como resumo dessas primeiras observações interessadas na cena da inversão da fórmula do mundo da representação pela fórmula do mundo dos simulacros, pode-se lembrar que Deleuze dá o nome de "re-representação (ícone)" àquela "imagem ou pretensão bem fundada"; o hífen se explica, porque, diz ele, "a primeira em sua ordem é ainda a segunda em si, em relação ao fundamento". E nisso que se pensa quando se diz que "a Idéia inaugura ou funda o mundo da representação". E como ficam os simulacros, essas "imagens rebeldes e sem semelhança"? Já se viu: "eliminados, rejeitados, denunciados como não fundados", rechaçados como "falsos pretendentes", os simulacros são empurrados para as profundezas [DR,350(430)]. Mas ficarão eles ali aquietados, endoçando as hierarquizações que os lançaram num estado de falsidade? Continuarão, por rebeldia não tematizada, dóceis a uma linguagem que os dispersou como imagens carentes de semelhança interna? Continuarão, mesmo como rebeldes, submetidos a um dizer que, ao expulsá-los, articula-se mais ainda na dependência das categorias da representação? Rebelando-se contra a dominação representativa, que fisionomia conceitual conquistarão os simulacros? Com suficiente ingenuidade, pode-se até mesmo perguntar: como acreditar que os 'simulacros' rejeitados numa linguagem (a da representação) vêm a ser os simulacros recuperados numa linguagem outra, alternativa? Essas perguntas pedem um novo conjunto de anotações relativas à cena da reversão dos mundos, a fim de que se possa ver como Deleuze ajudaria no equacionamento dessa dificuldade.

profundos e pensamentos superficiais, são encontrados ainda ídolos, imagens e fantasmas.

### Ídolos e imagens.

Apenas como lembrete, pois não é o caso de desenvolver aqui essa complexidade, assinale-se que a palavra ídolo é tecnicamente empregada por Deleuze para caracterizar um mundo "em altura", não o "mundo profundo dos simulacros". A altura do ídolo, o mundo é o da "identificação"; melhor ainda: é o da "divisão depressiva" que se dá "entre os dois polos da identificação", estando, de um lado, a "identificação do eu" [moi=ego] "aos objetos internos" e, do outro lado, "sua identificação ao objeto das alturas". E neste mundo da depressão que se dá a "experiência da frustração", por exemplo, da perda do "bom objeto". Inversamente, a "divisão esquizofrênica", a que se dá no mundo subterrâneo dos simulacros, acontece entre "objetos internos explosivos, introjetados e projetados", ou melhor, entre o "corpo despedaçado por estes objetos e o corpo sem órgãos e mecanismos"; neste mundo não há "privação" e, nele, "tudo é paixão e ação", não retraimento, mas "comunicação dos corpos em profundidade" [LZ, 223, 224 (196, 197)].

Entre os simulacros da profundidade e os ídolos, entendidos estes como "objetos das alturas e suas aventuras" [LS, 252 (223)], e nunca esquecendo que a altura tem um "estranho poder de reação sobre a profundidade", há toda uma "terceira dimensão", diz Deleuze, na qual o "objeto parcial" de uma zona erógena é projetado não em função de um mecanismo da profundidade mas como "operação" na própria superfície. Pois bem, imagem entra na composição de uma zona erógena na superfície sexual por corresponder, justamente, a uma projeção de objeto parcial como "objeto de satisfação", projeção que se dá sobre um "território" investido de uma "pulsão" [LS, 228-230 (201-202)].

### Simulacros <> Ruídos e Voz.

Retornando agora ao problema da separação e aproximação dos termos simulacro e fantasma, verifica-se que, enquanto Deleuze reserva simulacro para "designar", precisamente, os "objetos das profundidades", o "devir que lhes corresponde e as reversões que os caracterizam", fantasma vem a ser mais um "fenômeno de superfície", fenômeno que se "forma num certo momento no desenvolvimento das superfícies" [DR, 252 (223)].

O mundo dos simulacros (composto, a rigor, de não apenas uma, mas de "duas profundidades", sendo, uma, "esburacada", ocupada por objetos parciais, e, a outra, "plena", "molhada", ocupada pelo "corpo sem órgãos") é a primeira instância da "gênese dinâmica", ao longo da qual se

através da "palavra" e às "implicações do conceito" através das "ligações sintáticas". O sentido é "entidade complexa irreduzível" a essas dimensões; é a quarta por ser o "expresso da proposição", um "incorporal na superfície das coisas" ou, ainda, "acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição". Quando se diz que a "árvore arvorifica", arvorificar é aí sentido global, o "exprimível" da proposição e, ao mesmo tempo, o "atributo do estado de coisas", o "aliquid", uma dupla-face entre as coisas e as proposições, "ao mesmo tempo extra-ser e insistência".

Acontecimento tem a ver com tudo isso; porque, para Deleuze, explicitamente, "o acontecimento é o próprio sentido", estando aí sua "relação essencial com a linguagem" na medida mesma em que "a linguagem é o que se diz das coisas" [LS, 22-34(13-23)]. E essa dupla referência envolvendo acontecimento e sentido que permite agora distingui-los: o primeiro se relaciona aos "estados de coisas, mas como atributo lógico desses estados, completamente diferente de suas qualidades físicas, se bem que ele lhes sobrevenha, neles se encarne ou neles se efetue"; ora, o sentido, completa Deleuze, "é a mesma coisa que o acontecimento, mas desta vez relacionado às proposições" [LS, 195(171-172)].

Pois bem, 'arvorificar', como exemplo de uma maneira de dizer acontecimento ou sentido, não foi lembrado apenas para facilitar a leitura. E não apenas 'arvorificar': "crescer, diminuir, ser cortado" (verbos nas aventuras de Alice) são "acontecimentos incorporais". Mas eles nada têm a ver com os corpos? Ao contrário, "que há de mais íntimo", pergunta Deleuze, "que há de mais essencial ao corpo do que acontecimentos" desse tipo? [LS, 13, 14(5,6)]. Esses verbos foram também lembrados porque os fantasmas têm algo a ver com esse elemento da proposição: o fantasma, diz o autor, é "inseparável do verbo infinitivo" e por "insistir" no verbo é que o fantasma "dá testemunho do acontecimento puro" [LS, 250(221)].

Esse testemunhar é complexo. Uma das características do fantasma é "representar", não uma "ação" ou "paixão", mas um "resultado" disso, isto é, um "puro acontecimento"; e cumpre esse papel por ser ele próprio um "atributo noemático", por pertencer ele próprio a uma "superfície ideal". Outra característica distintiva do fantasma é a "posição" que o "eu" nele ocupa, pois o que nele "aparece" é o "movimento pelo qual o eu se abre à superfície e libera as singularidades acósmicas, impessoais e pré-individuais que aprisionava" [LS, 245-249(217-220)]. Não só é dito que o fantasma vai do "figurativo ao abstrato", como é também afirmado que ele próprio é o "processo de constituição do incorporal", a "máquina" que, por "polarizar o campo cerebral", chega a "extrair um pouco de pensamento". Essa ativação do pensamento, finalmente, é como que

11  
procurar ainda a condição teórica que permitiria agregá-los sem exclusão recíproca, tarefa com a qual se poderia estabelecer uma conclusão provisória para este trabalho.

Um aviso para que se tenha cautela na procura dessa condição já aparece naquela mesma teoria do tempo: "com o Aion", afirma Deleuze, "o devir-louco das profundidades subia à superfície, os simulacros convertiam-se por sua vez em fantasmas". Essa conversão se explica: é que "nada sobe à superfície sem mudar de natureza" [LS, 193(169-170)]. Esse fenômeno do "sub-vir" [LS, 10(2)], essa subida dos simulacros, sua transmigração das profundidades à superfície, isso é apontado em várias passagens. Duas delas, pelo menos, devem ser aqui sublinhadas, dada sua importância para o problema em pauta e dada sua contribuição para uma mais completa visão da cena em que os mundos se reverterem.

Em primeiro lugar, na leitura da primeira operação de reversão do platonismo que os estoicos teriam levado a cabo a partir da distinção entre, de um lado, os corpos e estados de coisas e, de outro lado, o campo dos efeitos incorpóreos, Deleuze assinala que os simulacros, em vez de serem apenas "rebeldes subterrâneos", não só "escapam do fundo e se insinuam por toda parte", como também "fazem valer seus efeitos" na superfície. Ora, esses efeitos são justamente os "fantasmas", na medida em que estes manifestam o que era "mais encoberto". Do simulacro ao fantasma ocorre precisamente essa "transmutação" que vai das tensões corporais ao seu atributo incorporeal, a mesma passagem que vai do "devir-ilimitado" ao "acontecimento" [LS, 17(8)].

A segunda passagem diz que, "quando rompe suas cadeias e sobe à superfície", o simulacro "afirma então sua potência de fantasma, sua potência recalcada". De que potência se trata? Numa só frase, trata-se da potência de "afirmar a divergência e o descentramento", potência que perturba o "Mesmo" e o "Semelhante", pois estes sobrevivem dos procedimentos que visam "corrigir a divergência, recentrar os círculos ou ordenar o caos, dar um modelo e fazer uma cópia" [LS, 301, 306(266, 270)]. Para que simulacros e fantasmas comportem essa potência, é preciso que eles próprios carreguem as pré-condições geradoras de sua explosividade, por assim dizer. Essas pré-condições devem participar de sua definição e, por conseguinte, da condição teórica que permite pensá-los sem exclusão recíproca, condição que está sendo aqui procurada.

### Sistemas diferenciais, nova linguagem, novas dificuldades

No limite, há uma correspondência entre aquela potência afirmativa, a condição teórica procurada e a Idéia-revertida, a Idéia-como-multiplicidade-substantiva, a que impregna, além de outras, todas as figuras da cena da reversão dos mundos, figuras que são, por sua vez, seus próprios

larvares no sistema e a formação de puros dinamismos espaço-temporais; 6., as qualidades e as extensões, as espécies e as partes que formam a dupla diferenciação do sistema e que vêm recobrir os fatores precedentes; 7., os centros de envolvimento que, todavia, dão testemunho da persistência desses fatores no mundo desenvolvido das qualidades e dos extensos" [DR, 355-356(437)].

Rastrear cada uma dessas noções e, assim, tomá-las como potências interrogativas em relação à obra, seria a tarefa necessária para a exaustiva determinação do conceito de simulacro nessa filosofia da diferença. Mas este é um programa que excede a competência deste prévio levantamento de algumas dificuldades.

...<>...

#### Notas bibliográficas

\* Obs.: Os números entre parênteses correspondem à paginação das traduções para o português.

S.PHP = DELEUZE, Gilles - Spinoza. Philosophie pratique, Minuit, 1981. (Espinoza e os Signos, tr. port. de A. Ferreira, Rés Ed., s/d, feita sobre um texto anterior: DELEUZE, G. - Spinoza, PUF, 1970).

LS = DELEUZE, G. - Logique du sens, Minuit, 1969. (Lógica do Sentido, tr. br. de Luiz R.S. Fortes, Ed. Perspectiva, 1974).

A-OE = DELEUZE, G. e GUATTARI, F. - Capitalisme et schizophrénie. L'Anti-OEdipe, Minuit, 1972. (O Anti-Edipo. Capitalismo e Esquizofrenia, tr. br. de G. Lamaziere, Imago Ed., 1976).

DR = DELEUZE, G. - Différence et répétition, PUF, 1968. (Diferença e Repetição, tr. br. de L. Orlandi e R. Machado, Ed. Graal, 1988).

luiz b.l.orlandi  
(unicamp-ifch-depto. de filosofia)  
maio de 1989